

EDUCAR NA DIVERSIDADE: UM CONSTANTE DESAFIO

Josilene Souza Lima Barbosa¹

RESUMO: *O primeiro e principal passo para a criação de uma escola inclusiva de qualidade é estabelecer uma filosofia da escola baseada nos princípios democráticos e igualitários da inclusão, de qualidade para todos os alunos, para isso se faz necessário profissionais devidamente qualificados para atuar frente à diversidade que encontrará nos estabelecimentos de ensino. O presente artigo visa mostrar a urgência da formação continuada para professores que trabalham em escolas inclusivas e com atendimento especializado, como também apresentar algumas medidas tomadas pelo MEC em conjunto com a Secretaria de Educação Especial que viabilizarão a capacitação para os profissionais dessa modalidade de ensino. O texto caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica. Para a fundamentação teórica nos fundamentamos nos estudos de Cury (2003), Perrenoud (2000), Stainback (1999), Fonseca (1997), dentre outros. O resultado desse estudo contribuirá para que os professores repense a sua prática pedagógica, assim como a sua responsabilidade para com esses alunos e possam repletir o quanto podem colaborar para a construção de uma nova história da educação.*

Palavras-chave: Formação continuada; Atendimento especializado; Diversidade

INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com deficiência nas escolas regulares públicas ou particulares tem sido motivo de muitos conflitos e discussões nos estabelecimentos de ensino em nosso país. O primeiro passo, ao discutirmos sobre inclusão escolar do aluno com deficiência é vê-lo como um sujeito dotado de competências e habilidades, mas para que estas possam ser desenvolvidas os professores precisam estar aptos a trabalhar com a diversidade. Aos educandos com necessidades especiais, os sistemas de ensino têm o dever de assegurar conforme o artigo 59 da LDB, professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns. Infelizmente no Brasil primeiro implantam-se as inovações sejam metodológicas, tecnológicas, e depois do fracasso pensa-se em qualificar os professores. Tecemos esse comentário por vivenciar o descaso para com essa modalidade de ensino. O objetivo deste estudo é levar o leitor e principalmente os educadores a refletirem sobre a importância da formação continuada, pois a cada dia surgem às dificuldades no contexto escolar com a diversidade, seja ela de cor, raça, religião, classe social e alunos com algum tipo de limitação. Trabalhar com educação requer enfrentar desafios, quebrar paradigmas, aprender a aprender e estar em constante estado de metanóia.

A evolução da sociedade provocou uma mudança das funções da escola, e conseqüentemente, do papel do professor. Os professores vivem conflitos de identidade. É difícil para eles desenvolverem uma imagem positiva do "Eu profissional". Os cursos de formação de professores mudaram muito o perfil dos discentes. Em pesquisas realizadas por diversos autores

¹ Pedagoga com especialização em Educação Inclusiva. Professora do Atendimento Educacional Especializado da E.M.E.F. Iraildes Padilha de Carvalho. Aluna em Regime Especial do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: josylenebarbosa@hotmail.com.

os mesmos citam que os alunos de pedagogia de décadas passadas vinham oriundos das Escolas Normais, hoje, porém os cursos estão preenchidos por alunos de áreas diversas. Com a proliferação das faculdades de Pedagogia por toda parte do território brasileiro está se formando pedagogos cada vez mais despreparados e descompromissados. Na sua maioria o curso é escolhido por falta de opção, o que compromete a sua formação e conseqüentemente a qualidade no ensino.

Phillippe Perrenoud (2000, p.156, 158) ressalta a importância da formação do professor para que se possa galgar sucesso na educação, em seu livro as Dez Novas Competências para Ensinar, dentre elas, administrarem a própria formação docente. O autor ressalta,

O tempo levado para (re) construí-la será, com frequência, demasiado longo. A formação contínua conserva certas competências relegadas ao abandono por causa das circunstâncias. [...] Em face dos desafios atuais, poderiam ser esperadas evoluções mais rápidas. O que não autoriza a negação de um movimento progressivo em todas as suas linhas. Ele demanda uma renovação, um desenvolvimento de competências adquiridas em formação inicial e, às vezes, a construção, senão de competências novas, pelo menos e competência que se tornam necessárias na maior parte das instituições, ao passo que eram requeridas excepcionalmente no passado. Integrar durante o ano um aluno que vem de outro continente, não fala nenhuma língua conhecida do professor e, às vezes, vai à escola pela primeira vez na vida, isso não é mais uma experiência excepcional, assim como receber em aula um dessas crianças ditas “diferentes”.

O autor enfatiza também que, “as dez competências não completam todas as relações que se estabelecem em sala de aula. “Por isso, nunca deixe de lado sua sensibilidade e afetividade”. Moacir Gadotti² alertou-nos também para essa realidade falando: “Matriculamos crianças, mas não matriculamos seus sonhos, culturas”. Augusto Cury (2003.p.57-58), diz que “bons professores são eloqüentes, professores fascinantes conhecem o funcionamento da mente, devem transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência”. [...] A qualidade e a velocidade dos pensamentos mudaram. Precisamos conhecer alguns papéis da memória e algumas áreas do processo de construção da inteligência para encontrarmos as ferramentas necessárias e capazes de dar uma reviravolta na educação.

Os sábios ensinamentos de Cury nos orientam para que possamos refletir que professores queremos ser para os nossos alunos? O professor do futuro não pode, mas pensar que é o centro do saber. E deve buscar o aprimoramento e gerenciar a sua própria formação docente. Para se alcançar os objetivos que a filosofia da inclusão propõe é necessário um planejamento e reflexão de todos os que compõem esse processo. Sem esses requisitos nenhuma mudança será satisfatória. Para os que estão de fato envolvidos com a educação, estes sim, enfrentam grandes desafios. Porque os próprios colegas não incentivam e criticam todo e qualquer trabalho que promova qualquer tipo de mudança no processo de ensino aprendizagem. Inovar é promover mudanças nas relações entre professor, aluno, direção e pais; é uma proposta trabalhosa que consiste em erros e acertos. Enquanto não houver o trabalho colaborativo e cooperativo nas instituições escolares, não haverá condições de inovação.

Segundo Didonê (2007. P.60-67), um importante projeto em prol de melhoria da formação docente está tramitando no Senado. O nome dado será Residência Pedagógica- um

² Palestra do 5º Congresso Internacional de Educação em 2007, promovida pelo SESI.

programa de capacitação inicial fortemente baseado em atividades práticas e inspirado no que ocorre com a carreira médica. Esse projeto é de autoria do senador Marco Maciel, para ele a residência pedagógica permitirá uma convivência maior com a escola, com os alunos e com o cenário em que o novo professor começa a atuar. Os habilitados em pedagogia passarão por uma experiência obrigatória na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os licenciados terão a opção de fazer ou não a residência. O autor cita ainda o exemplo da Argentina e da França, onde os professores só podem dar aulas se tiver o pleno domínio dos conteúdos e também da didática. Aquele que não estiver preparado para conduzir uma sala não recebe o diploma e precisa voltar aos estudos antes de ser reexaminado, no ano seguinte.

A residência pedagógica, se implantada, irá ajudar os professores novatos na sua vida profissional, cabe ressaltar que a grande parte dos estudantes de Pedagogia já exerce a profissão, neste caso a residência funcionará também como formação continuada. Esperamos que com esta medida os cursos existentes da atualidade comecem a pensar um pouco mais na qualidade de seu ensino.

ENSINANDO ALUNOS ESPECIAIS

O autor Vitor da Fonseca defende que toda a formação de professores encarada como uma unidade sistemática de um ensino mais global deveria ser um meio de mudança e de renovação. A inovação do ensino tem que ser encorajada nos centros de formação, e não nas suas estruturas administrativas. Trata-se de um eixo de inovação, quer para o ensino ministrado nas “classes” das escolas espalhadas pelo País, quer para a fundamentação científico-pedagógica dos currículos de formação dos professores do ensino regular e do ensino especial. (1997, p.48)

O universo da Educação Especial é deveras complexo, para atuar neste é necessário que o professor do ensino especial possua as seguintes características: de personalidade: Auto-respeito, Espontaneidade, Sensibilidade, Tolerância elevada, Inteligência, Estabilidade emocional, Energia, Responsabilidade, Atitude positiva perante a criança deficiente, Abertura. (FONSECA, p. 19). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), no artigo 3º Inc. VII cita a importância da valorização do profissional da educação escolar. O Plano Nacional de Educação contém 28 objetivos e metas para a formação de professores e valorização do magistério. A vigésima meta do Plano é “incluir em quaisquer cursos de formação profissional, de nível médio e superior, conhecimentos sobre educação das pessoas com necessidades especiais na perspectiva da integração social”.

Mais importante do que alcançar o proposto por essa meta é entender que o seu problema é verificar se está acontecendo uma mudança na mentalidade das pessoas em relação à educação especial. [...] a maior dificuldade consiste em fazer, com que esses conhecimentos específicos sejam ministrados por profissionais adequadamente preparados dentro da “perspectiva da integração social”. (BRANDÃO, 2006. P.18)

Os alunos inclusos devem ter acesso ao atendimento educacional especializado. Esse serviço não substitui a escolarização realizada na classe comum, ampliando o currículo escolar. Para isso os alunos devem contar também com o apoio dos professores da sala de recursos multifuncionais. Estas salas são espaços organizados com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o atendimento especializado. O MEC orienta

que esse atendimento não pode ser confundido com atividades de mera repetição de conteúdos programáticos desenvolvidos na sala de aula, mas devem constituir um conjunto de procedimentos específicos mediadores do processo de apropriação e produção de conhecimento.

O professor da sala de recursos deverá ter o curso de graduação, pós-graduação e ou formação continuada que o habilite para atuar em área de educação especial. O professor da sala de recursos tem como atribuições: atuar como docente, nas atividades de complementação ou suplementação curricular específica que constituem o atendimento educacional especializado dos alunos com necessidades educacionais especiais; atuar de forma colaborativa com o professor da classe comum para a definição de estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso do aluno com necessidades educacionais especiais ao currículo e a sua interação no grupo; promover as condições para a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais em todas as atividades da escola; orientar as famílias para o seu envolvimento e a sua participação no processo educacional; informar a comunidade escolar acerca da legislação e normas educacionais vigentes que asseguram a inclusão educacional; participar do processo de identificação e tomada de decisões acerca do atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos; preparar material específico para uso dos alunos na sala de recursos; orientar a elaboração de materiais didático-pedagógicos que possam ser utilizados pelos alunos nas classes comuns do ensino regular; indicar e orientar o uso de equipamentos e materiais específicos e de outros recursos existentes na família e na comunidade; articular, com gestores e professores, para que o projeto pedagógico da instituição de ensino se organize coletivamente numa perspectiva de educação inclusiva. Salienta-se que o professor da sala de recursos multifuncionais deverá participar das reuniões pedagógicas, do planejamento, dos conselhos de classe, da elaboração do projeto pedagógico, desenvolvendo ação conjunta com os professores das classes comuns e demais profissionais da escola para a promoção da inclusão escolar (ALVES, 2006.p.17-18).

O que foi exposto acima quanto à sala de recursos é o ideal, mas não é a realidade da maioria das escolas brasileiras. As escolas que dizem terem implantando a sala de recursos, muitas vezes funciona em espaços inadequados, ou dividem espaço com outras repartições como biblioteca, sala de vídeo, sala de professores. Quanto aos recursos o MEC tem enviado, no entanto quando chegam às escolas são extraviados para outras repartições. Grande parte dos docentes responsáveis por essas salas não tem a formação devida, alguns estão se qualificando após assumir as referidas salas, quando as secretarias organizam cursos de especialização. Os professores comprometidos com o fazer pedagógico estão fazendo cursos com recursos próprios. Cabe um questionamento, a culpa do mau funcionamento das salas de recursos é da escola ou do Ministério da Educação? Creio que a formação continuada deve ser aplicada aos diretores, coordenadores, secretários das escolas. E também dos secretários de educação municipal e estadual para compreenderem a importância de um bom funcionamento tanto das salas de recursos como das classes de ensino regular inclusiva.

É bom ressaltar que a filosofia da educação inclusiva é riquíssima, mas há casos em que a inclusão ainda não é o ideal por motivos diversos. Cabem aos pais, professores e equipe técnico-pedagógica das escolas verificarem quando é oportuno incluir esses alunos, porque incluir corresponde à tomada de medidas sérias e necessárias como: professores qualificados, sala de recursos, e preparação da escola para se adaptar aos alunos com deficiência, não o que ocorre atualmente os alunos são inseridos de qualquer forma e tendo que se adaptar a realidade dos ditos normais. Stainback (1999, p.6) complementa,

O objetivo da inclusão não é o de apagar as diferenças, mas o de que todos os alunos permaneçam na comunidade educacional que valide e valorize sua individualidade. É garantir que os educandos tenham uma autonomia proporcionando-lhes oportunidades para reunirem-se, formar amigos, gerar parcerias entre os grupos e aprender a assumir a sua própria educação e suas próprias vidas.

Nós que trabalhamos com a inclusão enfrentamos outro grande problema nas escolas as pessoas costumam olhar para os alunos com deficiência com preconceito, não acreditam que possam se desenvolver. Focam o olhar nas limitações e se esquecem de pensar que como todas as pessoas essas crianças e jovens são dotados de sentimentos, sonhos, habilidades e competências para buscarem o caminho que desejarem traçar para suas vidas. Que tal seguirmos os ensinamentos de Augusto Cury (2003, p.145-146), que nos orienta a encorajar aqueles que os outros zombam e os que se sentem diminuídos. Ser educador, segundo o autor, é ser promotor da auto-estima. Ensine com palavras e, sobretudo atitudes, a amar a espécie humana. Comente que, acima de sermos americanos, árabes, judeus, brancos, negros, ricos e pobres, somos uma espécie fascinante. Nos bastidores da nossa inteligência somos mais iguais do que imaginamos.

Diante do que expusemos neste texto se conseguirmos formar professores com todas as características defendidas e sugeridas pelos renomados autores que fundamentaram este trabalho, esses profissionais serão referências e terão uma atuação brilhante para todos os alunos e estarão promovendo um ensino de qualidade e colaborando para que o nosso país possa galgar respeito no campo educacional.

CONCLUSÃO

A educação básica do nosso país sempre foi motivo de muita preocupação, devido aos altos índices de reprovação e evasão. Com a implantação da educação inclusiva, esses índices aumentaram, porque os alunos com deficiência não conseguem avançar nos estudos e estão se afastando das salas de aula, por não compreenderem os assuntos abordados e/ou por verem seus direitos sendo violados. Um desses direitos é ter professores qualificados para ensiná-los. A formação docente é de suma importância para que a educação deste país dê um salto qualitativo. Com professores preparados e estimuladores, os alunos ficarão motivados e não deixarão as escolas.

Como o estudo nos aponta trabalhar com a diversidade não consiste em uma tarefa fácil, mas se nos colocarmos a trabalhar em equipe, a aprender juntos, assumir riscos e responsabilidades, podemos melhorar a qualidade no ensino que tanto almejamos. Aos docentes que atuam em educação especial são exigidas competências pedagógicas e profissionais árduas, contudo não desanimem! Não estamos nessa jornada por acaso, fomos escolhidos para uma missão desafiadora, onde necessitamos mostrar a sociedade que todos os alunos estão aptos para aprender, basta que respeitemos o tempo de maturação de cada um e suas limitações. Todas as dificuldades atuais serão superadas, se começarmos a trocar experiências e não querer concentrar o saber, querer ser o melhor, o insubstituível.

REFERÊNCIAS

ALVES, D.O. et.al.. **Sala de recursos multifuncionais:** espaços para o atendimento educacional especializado. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2006.

BRANDÃO, C. F. **PNE passo a passo:** (Lei n. 10.172/2001): discussão dos objetivos e metas do Plano Nacional de Educação. São Paulo: Avercamp, 2001.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIDONÊ, D. **Por uma formação inicial de mais qualidade.** In. Revista Nova Escola. São Paulo, SP, ano22, nº204. p.60-64, agosto. 2007.

FONSECA, V. **Educação especial programa de estimulação precoce:** uma introdução às Idéias de Feuerstein. 2. Porto Alegre: Arte médicas 1997.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas** 8 ed. São Paulo: Ática. p 2002. 319.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Trad.Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

STAINBACK, S. e STAINBACK, W. **Inclusão:** um guia para educadores; trad. Magda França Lopes. Porto alegre; Artes Médicas Sul, 1999.